

# Educandos com Problemas de Conduta, Estratégias de Orientação e Organização de Serviços Baseados no Ecosistema

*Maria Helena Novaes\**

## RESUMO

O presente artigo aborda a questão do redimensionamento do processo de ajuda e de atendimento a educandos com problemas de conduta, partindo da preocupação de planejar ações sistemáticas e integradas que levem em conta suas necessidades especiais, as disponibilidades e influências do ecossistema. Considera a autora que o precário funcionamento dos recursos comunitários existentes e o pouco envolvimento do meio familiar, escolar e social agravam, muitas vezes, e desencadeiam distúrbios de conduta.

Preconiza ação preventiva junto à comunidade, além da escola e da família, bem como estratégias de orientação baseadas numa atuação conjunta dos profissionais e das forças de convivência social, capazes de reestruturar atitudes e comportamentos para integrá-los à sociedade.

Quanto à organização de serviços recomenda a remoção das barreiras entre eles, uma avaliação permanente da evolução dos casos, explicitação de compromisso institucional com tais educandos e trabalho de consenso com os meios comunitários desejados que possam produzir os efeitos esperados, levando sempre em conta estereótipos, expectativas sociais e influências do ecossistema.

## — PROPOSIÇÕES BÁSICAS:

Redimensionar o processo de ajuda, de orientação e de atendimento para educandos com problemas de conduta é necessidade urgente, a fim de serem evitados encaminhamen-

\* Ph.D. Psicologia — Professora PUC/RJ e UFRJ — Psicóloga CENESP/MEC.

tos desnecessários, métodos de identificação inadequados que ainda mais agravam o quadro da problemática familiar, escolar e social.

Geralmente, os programas usuais enfatizam técnicas de pedagogia terapêutica, de modificação de comportamento, de dinâmica de grupo, de atendimento psicoterápico e de reeducação social e escolar.

Constata-se, porém, que educandos com tais problemas reagem melhor no momento em que sejam atendidos de modo sistemático e integrado, dando-lhes condições para que possam ser beneficiados tanto no trabalho escolar, nas atividades da vida diária, de lazer, de convívio social e nas tarefas profissionais.

Dentre os pontos críticos para um atendimento a tal clientela encontram-se as dificuldades de identificação das condutas consideradas inadequadas, muitas das vezes, não definidas nem analisadas nos diversos contextos sócio-culturais e as atividades de controle e de neutralização das condições ambientais geradoras ou desencadeadoras de tais problemas.

Sabe-se que um distúrbio de conduta é considerado problemático na medida em que se apresenta em extremo de frequência e/ou magnitude e esteja em desacordo com os atributos pessoais do educando, produza conseqüências negativas tanto para ele como para o grupo social onde está inserido, podendo ser caracterizado como um obstáculo no processo evolutivo e educativo, provocando conflitos intra-psíquicos relacionados a neuroses, desordens de personalidade, transtornos psíquicos e comportamentos ligados à apatia, rebeldia, agressividade, dissimulação, depressão, violência, prática de infrações, delitos, fraudes, desvios sexuais, dependência a drogas.

É freqüente verificar-se que professores e técnicos ficam desgastados e desenvolvem atitudes de ansiedade, por sentirem-se impotentes na ação reeducadora, diante do acúmulo e superposição das dificuldades do meio, não contando nem com o apoio da família, nem do meio social ou escolar, que invalida seus esforços profissionais e faz com que não consigam responder de modo mais aberto e criativo às solicitações e possibilidades da comunidade.

Para evitar tal ocorrência é fundamental observar as influências do ecossistema, levando em conta o envolvimento da sociedade, uma vez que tais problemas advêm, em muitos casos, do seu precário funcionamento, podendo-se, inclusive, observar que o próprio transtorno não só é denunciado, como desencadeado e agravado pelo meio cultural, social e familiar, além do escolar.

Comumente, o educando apresenta problemas de conduta quando os suportes do meio falham e os elementos com os quais tem contato chegam a um baixo nível de funcionamento.

Assim, a mera prescrição de medidas paliativas ou de segregação institucional não serão válidas, se não vierem acompanhadas de outras que propiciem uma reconstrução de seus comportamentos e relações com o ambiente integrando ações de cunho, sobretudo, preventivo.

#### — ESTRATÉGIAS DE ORIENTAÇÃO:

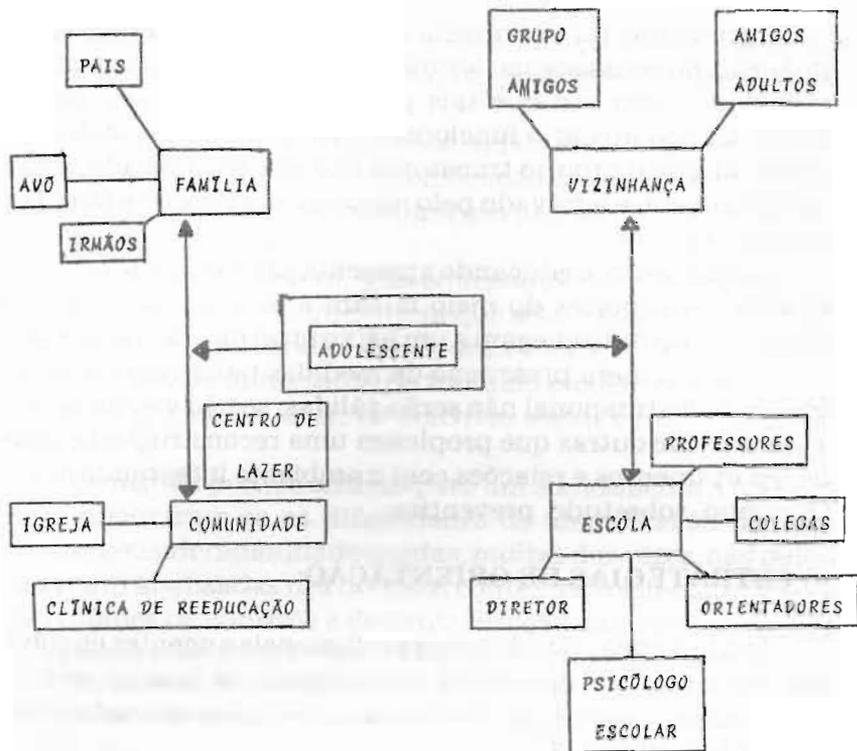
A intervenção dos diversos profissionais e agentes envolvidos deve emergir pois como instrumento de ligação com os recursos do ecossistema, que também devem ser mudados para ajudar tais educandos.

Objetivando a importância dessa ligação podemos exemplificar a rede dessas relações em caso de adolescente com problemas de conduta, cuja orientação envolve os seguintes elementos: (vide Cronograma à página seguinte)

O básico nesse caso foi construir o cotidiano das relações do adolescente, abrindo novas formas de relacionamento através de situações positivas, de responsabilidade pessoal e social que propiciassem:

- estabelecer clima de confiança mútuo
- incentivar a compreensão dos seus problemas
- favorecer a expressão de sentimentos e emoções
- incentivar a participação grupal e comunitária
- provocar alternativas de escolha de atividades

É evidente que as mudanças não podem ser rápidas, nem drásticas, devido ao natural envolvimento com as resistências



pessoais e sociais, devendo-se procurar possibilidades de um melhor funcionamento do ecossistema, identificando fontes de conflitos e mobilizando, ao mesmo tempo, pessoal especializado e recursos comunitários para se conseguir mudanças constantes e duradouras.

Evitar a multiplicidade dos atendimentos e das intervenções é imprescindível, a fim de que esse educando não se sinta dividido ou alienado do processo de reeducação.

Propiciar o entrosamento entre os elementos da equipe multidisciplinar (assistente social, psicólogo, orientador educacional, médico, professor e demais) e um plano de atendimento consistente e compreensivo são passos importantes do atendimento.

Daremos outro exemplo: adolescente do sexo feminino, de nível sócio-econômico baixo, residente em bairro da periferia

urbana, com sérios problemas de conduta social e de ajustamento intra-psíquico, dificuldades de aprendizagem sobretudo para a matemática, repetente por dois anos da mesma série, com nível de inteligência limítrofe. Do ponto de vista médico, foi registrada perda auditiva, descoberta tardiamente e defeitos na arcada dentária, necessitando urgente correção. Sua família é pequena, pai ignorado, mora com a mãe que enfrenta dificuldades financeiras e conta com a filha para aprender um ofício que possa ajudá-la. Mora longe de escola pública que frequenta e do centro de reeducação indicado para tratamento, tendo dificuldades financeiras para custear o transporte.

Essa situação bem ilustra a necessidade de serem articulados recursos da comunidade, estabelecendo-se prioridades de necessidades de atendimento para que possa ser controlado o plano estabelecido de orientação junto à adolescente, à família, à escola e à comunidade, buscando-se alternativas de ação viáveis e práticas. Questionamentos oportunos, seriam:

- como prover recursos para o transporte?
- como habilitá-la para exercer atividades profissionais?
- como cuidar de seus problemas físicos?
- como favorecer o desenvolvimento de suas potencialidades?
- até onde poder neutralizar seus conflitos intra-psíquicos?
- como proceder a avaliação sistemática do caso?

No que diz respeito às classificações usuais de problemas de conduta adotadas é preciso estar atento pois, muitas vezes, são tradicionalmente baseados em categorias nosológicas, correndo-se o risco de limitar o plano de orientação e de desenvolvimento das potencialidades de tais educandos, sem levar em conta suas diferenças individuais, nem situações específicas.

Assim, recomenda-se a utilização de uma abordagem multidimensional baseada na taxonomia das intervenções, prevendo-se a concomitante avaliação das variáveis ambientais. Ao assumir um diagnóstico diferencial, baseado em padrões dinâmicos adaptados às diversas situações, é válido presumir que um sistema classificatório que utilize a categorização desses padrões ligados aos elementos básicos do ecossiste-

ma seria útil para o controle do atendimento e acompanhamento de tais casos.

Partindo de enfoque dinâmico e desenvolvimentista de personalidade, a orientação psicológica dos educandos com problemas de conduta deve atentar para a reestruturação das atividades egóticas, reforço do autocontrole, reorganização de valores e progressiva autonomia, procurando atualizar forças vitais, canalizar descargas pulsionais, estimular a mutualidade psicossocial e procurar vias de afirmação social.

Portanto, um plano de reeducação para educandos com problemas de conduta preocupar-se-ia em:

- desenvolver sentimentos de autoconfiança;
- reorganizar a rotina de vida através de situações novas e motivadoras;
- valorizar experiências sociais significativas, favorecendo o processo de identificação;
- resgatar o sentido da individualidade através de atividades criativas;
- favorecer a sedimentação de mudanças atitudinais;
- apoiar a introjeção de ideologia de valores e normas sociais;
- propiciar situações de trabalho e de lazer que levem à satisfação pessoal e progresso nas realizações;
- reestruturar novas formas de convivência e responsabilidade social.

### **ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS:**

A moderna tendência do atendimento configura a necessidade de um recrutamento de serviços com base nas necessidades especiais da clientela, independentemente das classificações tradicionais.

A remoção das barreiras existentes entre os diversos serviços impõe-se como primeiro passo, a fim de facilitar uma atuação mais eficaz e concomitante, levando-se em conta as características de situação e das demandas do sistema.

O plano específico dos serviços deverá estar relacionado a um diagnóstico dinâmico e a um conhecimento amplo da pro-

blemática com base nos seus vários aspectos, relacionado à natureza dos serviços que poderiam ser mobilizados, prevenindo-se pessoal envolvido nos locais de atendimento, período do tratamento, custos, alternativas de orientação e respectivo acompanhamento.

O entrosamento entre as instituições e as pessoas seria fundamental, a fim de atender as necessidades especiais da clientela e não a uma rotulação artificial de tais educandos, evitando-se intervenções isoladas e dissociadas entre elas, sem avaliar os progressos e benefícios já alcançados ou mesmo regressões ocorridas.

Observa-se que, quando um educando com problemas de conduta entra numa instituição especializada para tratamento e é separado de seu grupo familiar ou social, a própria rotulação "problemas de conduta" serve para legitimar essa exclusão do meio social, reduzindo-se as oportunidades de sua participação e de convívio social no próprio contexto.

Tais educandos, muitas vezes, institucionalizados por longo período de tempo, são segregados e, se a própria instituição for incoerente e repressora, será essa a imagem do sistema que levarão, ao sair dela.

Conviria lembrar que a instituição representa uma micro-sociedade que poderá beneficiar ou prejudicar tais indivíduos, podendo ser considerada como: *universo familiar*, por atender necessidades de segurança e de apoio afetivo; *agência social de controle*, por suas normas e disciplinas; *grupo educativo*, por favorecer relações, aprendizagem e expansão de potencialidades; *sistema ideológico*, por difundir o código de valores humanos e morais, hierarquizando papéis e modelos.

Há etapas sucessivas pelas quais passa o educando com problemas de conduta no seu processo de inserção na instituição: uma inicial, a de adaptação preliminar onde tudo é diferente e, por vezes difícil de ser aceito; segue-se a de observação e de busca de controle do próprio meio educacional podendo passar o educando por crises de refeição; logo após, através do referencial de troca e dos vínculos estabelecidos vai tentar buscar espaços de realização e de produção no meio institucional, abrindo possíveis vias de satisfação pessoal e de con-

vívio grupal. Ao final, espera-se que surja a etapa de reconstrução de si mesmo, sentindo-se mais confiante e seguro e integrado à instituição.

Naturalmente, isto ocorrerá dentro de variações individuais, se a própria instituição for coerente e atender as necessidades e interesses de educandos, favorecendo sua adaptação; já não ocorrerá, se a instituição estiver fechada em si mesma, alienada das forças do ecossistema, sem ampliar o âmbito de sua ação profissional nem interagir com o meio, seja através da família, da escola, da comunidade e da própria cultura.

Concluindo, os serviços de atendimento para educandos com problemas de conduta devem redimensionar a conceituação e classificação de tais problemas, trabalhar sobre o consenso dos meios comunitários desejados para produzir os efeitos esperados, reestruturar novas formas de convivência, estabelecer sistemática de acompanhamento baseada no próprio ecossistema, levando em conta estereótipos e expectativas sociais, compreendendo que tal educando é uma pessoa que deve ser integrada às diversas dimensões de sua realidade sócio-cultural.

## BIBLIOGRAFIA

01. GUINDON, J. — *Les étapes de la rééducation des jeunes délinquants et des autres*. Ed. Fleurus, Paris, 1971.
02. HOBBS, Nicolas — *An Ecologically — Oriented Service, Based Classification system for the employment of handicapped adolescents*. Vanderbilt University — Tennessee, USA, 1978.
03. ———— *Helping Disturbed Children — Psychological and Ecological Strategies II Project RE-ED*. Twenty Years Later, Vanderbilt University, 1979.
04. ROSS, A. — *Distúrbios psicológicos na infância*. Ed. Mc Graw Hill, São Paulo, 1979.

## RESUMEN

El presente trabajo aborda la cuestión del redimensionamiento del proceso de ayuda y de orientación de los educandos con problemas de conducta, partiendo de sus necesidades especiales con el objetivo de planear acciones sistemáticas e integradas inseridas en el ecosistema.

Considera que el precario funcionamiento de los recursos comunitarios existentes, así como la fraca articulación entre ellos, además de un reducido involucramiento de la familia, escuela y sociedad, agraban y, muchas veces, desencadenan disturbios de conducta.

Preconiza la necesidad de estructurar una acción preventiva y estrategias de orientación que configuren una actuación conjunta de los profesionales y de las fuerzas de convívio social del ecosistema capaces de reestructurar actitudes y conductas en la dirección de una mayor autoconfianza, para que se sintan realmente integrados en su sociedad.

Cuanto a la organización de servicios especializados propone la remoción de barreras entre ellos, la articulación de las intervenciones, una evaluación sistemática, además de la explicitación del compromiso institucional con esos educandos. Destaca, finalmente, la importancia de un trabajo de consenso de los recursos comunitarios deseados para que posan producir los efectos esperados considerando las expectativas sociales y las influencias del ecosistema.